

Que teoria literária se deve ensinar no nível de graduação universitária

AFRÂNIO COUTINHO

A criação de uma disciplina de Teoria da Literatura no ensino superior de Letras era antiga aspiração de todos os que tinham qualquer participação nesse nível.

E foi por assim compreendê-lo que o egrégio Conselho Federal de Educação incluiu-a, em sábia resolução, entre as disciplinas que deveriam compor o currículo mínimo dos cursos de Letras.

1. Já em 1950, tive a honra de apresentar à antiga Faculdade de Filosofia do Instituto La Fayette, depois Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, um projeto de criação da disciplina, a ser incluída na primeira série de todos os cursos de Letras.

Levado o projeto à consideração do egrégio corpo congregado daquela Faculdade, foi ele objeto de parecer favorável da saudosa Professora Virgínia Cortes de Lacerda e consequentemente teve a aprovação da Congregação, sendo imediatamente posto em execução, com a disciplina incluída em caráter obrigatório em todos os cursos de Letras.

2. Em verdade, pode-se entender a Teoria Literária como disciplina propedêutica, introdutória, ou, ao contrário, como cúpula, sinônima de filosofia da literatura. Duas concepções da disciplina, portanto, defrontam-se no ensino universitário de Letras.

3. A doutrina que fundamentou aquele projeto era de que a disciplina deveria corresponder a uma "introdução à Literatura".

A idéia era de que a disciplina “facultasse aos alunos dos cursos de Letras o conhecimento preliminar e indispensável do fato literário, de sua gênese e estruturação, de suas formas de expressão, de seu poder de comunicação, da reação da crítica, dos seus métodos e tendências, do espírito que registra ou provoca” (Do Parecer de Virgínia Cortes de Lacerda).

Ao acentuar os benefícios que adviriam da disciplina, a Professora ofereceu em abono da sua criação o argumento de sua experiência. Afirmou ela que, no seu curso de Literatura Brasileira, todo o primeiro trimestre de cada ano era ocupado na ministração de conhecimento de teoria, introdutório ao estudo do fenômeno literário, o que prejudicava quantitativamente a execução do programa específico. Isso ocorria, aliás, com o ensino de todas as literaturas nacionais.

4. Ao apresentar o projeto, fundamentei-o com os seguintes argumentos:

a) Como disciplina autônoma, independente da história e da ciência da linguagem, a Teoria Literária tem por finalidade o estudo do fenômeno literário em si e de seus problemas fundamentais, a metodologia da pesquisa literária;

b) Visa ao estudo dos problemas gerais e propedêuticos da Literatura; métodos da crítica e da história literária; gêneros literários; história das idéias literárias; análise dos estilos em literatura; as técnicas dos diversos gêneros; em suma, todos os problemas técnicos ligados à criação literária;

c) A disciplina propicia a oportunidade de se ensinar o que se pode rotular como “Ciência da Literatura”, isto é, a metodologia do trabalho intelectual aplicado aos estudos literários (aquilo que, em inglês, é conhecido como *scholarship*), e ainda o exame dos problemas da produção e consumo da literatura;

d) Constitui a disciplina, além da teórica, uma parte prática. Esta compreenderá estudos de textos, com análise, explicação e interpretação; práticas de exposição oral, de redação

de ensaios críticos e resenhas; confecção de bibliografias; seminários sobre obras ou temas literários;

e) A disciplina ainda procurará desenvolver e estimular as vocações para as letras, sistematizando e disciplinando essas vocações, através dos laboratórios de criação literária dirigidos, tanto quanto possível, por escritores experimentados no ensino;

f) O caráter geral ou introdutório da disciplina coaduna-se perfeitamente com o fato de que as literaturas nacionais são estudadas em disciplinas especiais.

É desejável que o aluno, ao iniciar o estudo das literaturas nacionais, já esteja familiarizado com os problemas gerais de Teoria da Literatura, sua terminologia, seus conceitos básicos.

Posta a questão nesses termos genéricos resta-nos enumerar, classificados em grupos de unidades, os problemas básicos a serem estudados na disciplina de Teoria Literária.

Unidade I. Conceito de Literatura: os diversos conceitos clássico, psicológico, sociológico, estético. A Literatura como arte. Arte rítmica; arte da palavra. Problemas da mimese e da catarse. A literariedade. O fato literário: sua gênese, estruturação, expressão. Ficção e realidade. A obra literária: sua criação, estrutura e composição. A imaginação criadora na Literatura. Função da Literatura. Características gerais do criador literário: poeta, ficcionista, teatrólogo, ensaísta.

Unidade II. Literatura de Imaginação. Os gêneros literários, conceito, classificação. Gêneros de imaginação: lírico, narrativo, dramático, ensaístico. Estilo. Espaço e tempo.

Unidade III. A crítica literária. Teoria, história e evolução da crítica. Formas da crítica. O problema do método crítico. Análise extrínseca e intrínseca. A história literária: problemas e métodos. Periodização, estilos de época. Comparativismo. Metodologia do trabalho literário em crítica e história literárias. Crítica de textos.

Unidade IV. Significação e direção ideológicas do fenômeno literário: idealismo, realismo. Os espíritos clássico, romântico e moderno: suas variações no tempo e no espaço.

Unidade V. A obra e o público. A produção literária e a reação dos leitores. A edição. Literatura e meios de comunicação de massas.

5. Essa distribuição da matéria mostra a sua complexidade. Mas ela pode ser tratada de uma perspectiva elementar e introdutória ou de um ponto de vista filosófico e terminal. Depende da fixação prévia do conceito da abordagem da matéria.

E é, precisamente, esse, o problema que me parece estar a desafiar os responsáveis pelo ensino superior de Letras, e, em especial, pelos professores de Teoria Literária.

É muito natural que exista o problema. A disciplina é nova no Brasil. Por isso mesmo, não havendo tradição de seu ensino, são escassos ainda agora os professores que a ela se vêm dedicando. E estes se mostram mais ou menos desarvorados quanto ao melhor método de ensiná-la, e até quanto ao próprio conceito da disciplina.

Aquela minha proposta, colocada em prática, a partir de 1952, pela primeira vez no Brasil, na Faculdade de Filosofia do Instituto La Fayette, teve o seu autor como o encarregado do curso.

E, ao ministrá-lo, enquanto pertenci aos quadros docentes da Faculdade, sempre o fiz imprimindo à disciplina o caráter de introdução, não só porque assim julgo dever ser para sua maior eficiência no contexto dos cursos de Letras, senão também porque essa foi a resolução da Congregação da Faculdade. Esse critério foi continuado por quem me substituiu, o ilustre Professor Orlando Pires.

Sempre julguei adequado aos alunos de Letras que, antes de tomarem conhecimento com a problemática literária das literaturas nacionais, pudessem dominar as questões gerais. Assim, antes de estudarem a tragédia francesa ou shakespeariana, conhecessem a tragédia em geral, como gênero, nos seus vários aspectos e problemas, de modo a se familiarizarem com os termos e conceitos, com a sua estrutura básica, com a sua evolução como gênero. E o mesmo, com os demais gêneros.

6. Mas, como ocorre comumente entre nós, estamos presenciando uma distorção do espírito dessa disciplina.

Em obediência à decisão do Conselho Federal de Educação, foi ela incluída como obrigatória no nível básico, o que implica a concepção de que deve ser introdutória e genérica.

É muito difícil, no Brasil, as pessoas demonstrarem uma dose mínima de humildade de espírito no trato dos problemas. Dificilmente se resiste ao exibicionismo, tão bem caracterizado na anedota referente a Paula Ney.

Que resulta quanto ao problema que aqui nos interessa?

Em vez de se procurar ensinar o que são gêneros literários, como se caracterizam e compõem, e como se estruturam na obra literária; que é um romance e porque; que são rima e métrica; que é personagem e ponto de vista ou foco narrativo e quais os seus diversos tipos; que é epopéia e o que a caracteriza, etc., etc., etc., a maioria de nossos professores de Teoria Literária aproveita o ensejo para demonstrações profundas de conhecimento dos últimos livros que as editoras de Paris exportam para as nossas plagas, especialmente os da editora Du Sevil, onde estão os bastiões do estruturalismo, da semiótica, e de outras manifestações em que se compraz certa vanguarda cansativa, porque superficial e mutável ao menor navio que aporta de França. Parecia que o subdesenvolvimento cultural havia melhorado, mas ainda continuamos os homens do último livro e das breves análises.

Só queria que me dissessem a vantagem de se tentar meter na cabeça de um aluno da primeira série de Letras, cujo curso secundário não ensina a ler nem a escrever a língua pátria com um mínimo de eficácia, uma página de Heidegger ou da Julia Kristeva? Eles ignoram as mínimas noções de teoria literária, a ser aprendidas no curso médio, são obrigados a pasmar diante de textos muita vez impenetráveis aos próprios iniciados, em que se especializam os teóricos da lingüística, da semiologia, da teoria da comunicação, ou da teoria existencial da Literatura.

Ao fazer tais afirmativas, sei que me arrisco a ser considerado superado, inatual, ignorante das últimas novidades. Gostosamente enfrento esse risco.

A questão não é de maior ou menor informação. É antes de bom senso, coisa aliás que se sabe não ser muito difundida.

Tenho testemunhado a perplexidade com que muitos alunos de Letras se defrontam com aqueles textos. Não conseguem nem ao menos penetrar-lhes o sentido. Até a leitura lhes é difícil. Pois, em maioria, nem mesmo *ler* um romance ou um poema, eles sabem. E é isso, primordialmente, o que se deve fazer, e não exibir páginas de autores cuja inteligibilidade exige preparação especial e longa.

Nem todo o novo é obrigatoriamente bom, nem tudo o que é velho deve ser abandonado. Antes de pintar, há que aprender a desenhar. O que assistimos com a teoria literária entre nós é uma espécie de hipertrofia filosofante, sobretudo entre professores moços. Falar termos difíceis, usar conceitos pomposos, utilizar uma linguagem impenetrável, deve parecer-lhes filosofar, atividade que atrai muito as inteligências jovens, e que há algum tempo se dedicavam especialmente aos estudos sociais e políticos, quando não aos de natureza propriamente filosófica. Basta lembrarmos dos adeptos da chamada Escola do Recife, no final do século XIX, ou aos Teóricos do marxismo na década de 1930. Hoje, quem não papaguear a linguagem de Greimas, Derrida, Lacan, Heidegger e outros mestres ilustres,

cai na desgraça intelectual. Temos que fazer como o nosso Paula Ney.

A Teoria Literária é o instrumento de que dispomos, no momento, para a maior embromação intelectual.

E como a Universidade não é local adequado para a embromação intelectual — é precisamente o contrário, porque é onde se aprende a disciplinar e regulamentar a inteligência — desejo deixar aqui o meu grito de alerta contra mais essa oportunidade de degradação e aviltamento de um grande instrumento de trabalho, qual seja o ensino de Teoria Literária em nível superior de Letras.